

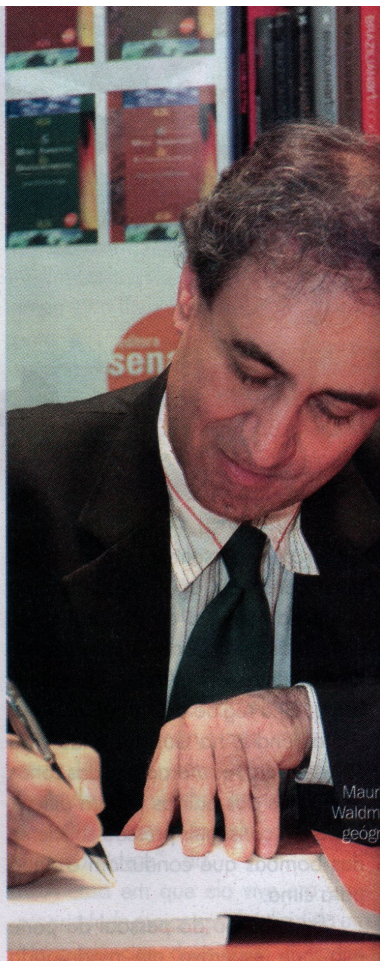
DEMANDA

consumo excessivo e 'estresse hídrico'

O geógrafo Maurício Waldman é um dos expoentes no estudo das águas, sobretudo quando o assunto é a relação que as metrópoles mantêm com seus recursos hídricos e os dilemas da produção e distribuição de águas. Mestre pela USP (Universidade de São Paulo) e professor da PUC-MG (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) ele desenvolveu uma aclamada tese que analisa a dificuldade crescente de as grandes cidades serem atendidas nas suas demandas por água.

Quando falamos da produção de água pelos sistemas que abastecem o Grande ABC versus a população atendida, a conta está balanceada?

Começamos a ter o estresse hídrico, que é quando você começa a ter uma situação de pressão muito acentuada sobre a capacidade de produção dos sistemas ambientais. Mas é bobagem dizer que a água vai acabar, a água não vai acabar nunca. No sentido geral, o volume de água que temos disponível no planeta é o mesmo de milhões de anos.



Divulgação

Então qual é o problema?

Acontece que a velocidade da contaminação está muito maior do que a velocidade da depuração. A demanda por água está excessiva.

Corremos o risco de ter o 'apagão' da água?

Sem dúvida. Não tem nada a ver com

terrorismo, mas se não se tomar uma atitude, isso é óbvio.

Seria igual ao 'apagão' da energia elétrica?

Não, vai ser pior, porque sem eletricidade você vive, mas sem água não. A própria eletricidade é gerada pela água.

Desde que foi criado o Dia Mundial da Água, em 1993, a sociedade progrediu em suas relações com os recursos hídricos?

Eu diria que tem retrocedido. Porque as medidas que deveriam ser adotadas não têm sido tomadas. Os mananciais são a cada ano mais prejudicados. Mas há luz no fim do túnel. Em São Paulo foi criada uma lei de uso de água pluvial para fins não potáveis e isso é um avanço e ajuda a resolver até mesmo o problema de enchente.

A privatização da exploração da água resolveria?

O primeiro grande experimento de privatização da água no Brasil que deu errado foi feito na Represa Billings. A Light (empresa de eletricidade) era virtualmente senhora privada das águas de São Paulo e deu no que deu. Mas deve-se atentar ao fato de que existem companhias do Estado que têm interesse altamente corporativo, portanto ela se comporta como particular e não pública e há companhias particulares

com interesse público, com interesse social.

Água será o próximo 'petróleo'?

Sem dúvida. Poderá ficar na mão do Estado, mas com uma mentalidade privada, como é o caso da Petrobras.

O comércio e o controle das águas muda com Barack Obama à frente da presidência dos Estados Unidos?

Sim. Com Obama a ofensiva da privatização da água vai perder o fôlego. Não é que vai desaparecer. A linha de George W. Bush era mais próxima da privatização total. Obama tem um capitalismo mais social, digamos, embora eu não acredite nisso, e a tendência agora é o sistema atender mais as demandas sociais para sobreviver. Esse movimento (de privatização) será resfriado também no Brasil.

O interesse mundial pela água doce brasileira tem se tornado notório. Há países que já importam nossa água?

O Brasil é hoje o maior exportador de água virtual do mundo, aquela água que está em um produto e você não vê. O Brasil exporta papel, alumínio, soja, que têm muita água. Fora isso, o Brasil deverá ser o maior provedor de água doce bruta do mundo, porque ninguém tem tanta água como a gente. Aí falamos de água engarrafada, em contêiner.